

Mudanças na estrutura familiar em livros infantis canadenses e brasileiros altamente recomendados

Changes in family structure in highly recommended Canadian and Brazilian children's books

NEWTON FREIRE MURCE FILHO¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de um projeto de pesquisa sobre livros literários para crianças altamente recomendados, produzidos no Canadá e no Brasil recentemente. O projeto foi realizado com apoio do Governo do Canadá, por meio do *Understanding Canada Program*. Duas instituições canadenses tiveram papel importante na investigação inicial: *The Canadian Children's Book Centre* (CCBC), em Toronto, e *The Centre for Research in Young People's Texts and Cultures* (CRYTC), da Universidade de Winnipeg, em Winnipeg. No Brasil, a *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil* (FNLIJ) constituiu fonte importante de pesquisa. Os objetivos principais do projeto são: investigar livros canadenses literários para crianças, recentemente publicados e recomendados, tendo como foco de atenção os modos como estariam representadas mudanças na estrutura familiar, especialmente no que concerne à figura do pai; identificar possíveis semelhanças e diferenças entre livros infantis canadenses e brasileiros, também recentes e recomendados.

PALAVRAS-CHAVE: literatura infantil; estrutura familiar; Canadá/Brasil.

1. Doutor em Linguística pela Unicamp, Mestre em Linguística Aplicada pela Unicamp, professor de Língua estrangeira (inglês), escritor de livros infantis, ator, pesquisador nas áreas de ensino-aprendizagem de línguas, literatura infantil, psicanálise. É Professor adjunto da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO. E-mail: newtonmurce@yahoo.com.br.

ABSTRACT: The objective of this article is to present the results of a research project on highly recommended children's books produced in Canada and Brazil recently. The project was undertaken with the assistance of the Government of Canada, through the *Understanding Canada Program*. Two Canadian institutions had an important role in the initial investigation: *The Canadian Children's Book Centre* (CCBC), in Toronto, and *The Centre for Research in Young People's Texts and Cultures* (CRYTC), at The University of Winnipeg, in Winnipeg. In Brazil, *The National Foundation of Children's and Youth Books* (FNLIJ) was an important source of research. The main goals of the project are: to investigate highly recommended Canadian children's picture books that have been recently published, with a special focus on changes in family structures, particularly concerning the father figure; to identify similarities and differences between Canadian and Brazilian children's books.

KEYWORDS: children's literature; family structure; Canada/Brazil.

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de um projeto de pesquisa sobre livros literários para crianças altamente recomendados, produzidos no Canadá e no Brasil recentemente. O projeto foi realizado com apoio do Governo do Canadá, por meio do *Understanding Canada Program*. Duas instituições canadenses tiveram papel fundamental na investigação inicial: *The Canadian Children's Book Centre* (CCBC), em Toronto, e *The Centre for Research in Young People's Texts and Cultures* (CRYTC), da Universidade de Winnipeg, em Winnipeg. No Brasil, a *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil* (FNLIJ) constituiu fonte importante de pesquisa. A todos os apoios recebidos, registro meus agradecimentos. Os objetivos principais do projeto foram: investigar livros canadenses literários para crianças, mais especificamente *picture books* recentemente publicados e recomendados, tendo como foco de atenção os modos como estariam representadas mudanças na estrutura familiar, especialmente no que concerne à figura do pai; identificar possíveis semelhanças e/ou diferenças entre a produção canadense e a produção brasileira também recente e recomendada. Pretende-se que o estudo contribua não somente para o campo da literatura para crianças, mas também para uma melhor compreensão de diferentes (ou talvez não tão diferentes) modos de ler, escrever e de viver a vida em sociedade. Lembrando que os modos de ler, escrever e viver a vida em sociedade não são "apenas" representados na literatura, pois esta também é responsável por criar esses modos, pergunto então se a literatura recente para crianças estaria representando e também de certo modo criando novos modos de escrever a estrutura familiar e, como consequência, possibilitando a escrita de novas subjetividades.

Por que a escolha de observar a estrutura familiar e em especial a figura do pai? Tal opção é efeito do meu interesse pelas recentes mudanças no modelo familiar tradicional, nuclear, constituído por um pai, uma mãe e por um ou mais filhos, e pelos modos como essas mudanças são ou não representadas na literatura para crianças, considerando-se que tal literatura produz efeitos na constituição das novas subjetividades, especialmente das crianças.

O trabalho de Reynolds (2009, p.193) é esclarecedor sobre o assunto. Ela examina como a família nuclear é introduzida nas primeiras obras de ficção para crianças, como se consolida e é reposicionada no século XIX e no começo do século XX, e como cai em ruptura na metade e fim do século XX, podendo tornar-se obsoleta no começo do novo milênio.

No que diz respeito a mudanças significativas nas representações familiares em obras recentes, Reynolds (2009, p.205) menciona, por exemplo, narrativas em que há famílias que não são formadas biologicamente, mas por meio de escolha, e lembra também que há um número grande de *picture books* que mostram famílias formadas por pais solteiros, por pais ou mães homossexuais, famílias adotivas, mistas ou recompostas por novos casamentos. A autora argumenta ainda que, recentemente, apesar de haver significativas transformações nos modos como as famílias vêm sendo constituídas e mostradas nos livros para crianças, isso não significa que a família tradicional desaparecerá da sociedade ou da escrita para crianças, ou que a família alternativa ou formada por escolhas será tida como a única unidade social legítima para o mundo atual (REYNOLDS, 2009, p.207). Na verdade, justamente por questionarem a família tradicional, livros como esses colaboram para preservá-la, ao fazerem com que os leitores se perguntem por que eles pensam que a família é importante. Em meio às grandes transformações sociais do momento atual, a literatura para crianças estaria oferecendo aos jovens oportunidades para reavaliarem as inter-relações, a cultura e as estruturas de poder.

De acordo com Alston (2008, p.08), atualmente, ainda que o conceito de família nuclear permaneça forte, a aceitação de famílias alternativas é cada vez maior, e há um crescimento das famílias maiores, em que a presença e atuação dos avós são de grande importância, algo que pude constatar nas análises dos livros desta pesquisa. A autora menciona também as mudanças no papel do pai nas famílias atuais, que dedica mais tempo aos cuidados com os filhos e a família. Segundo a pesquisadora, ao mesmo tempo em que dependemos ideologicamente do mito da família, nós estamos também começando a reconhecer sua diversidade. Porém, há um paradoxo:

a família mudou consideravelmente nos últimos 200 anos, mas, ainda assim, nossa maneira de abordá-la e nossa atitude em relação a ela quase nada mudaram. E isso também acontece nas representações familiares dos livros para crianças, nas quais o mito da família ideal, perfeita, é operante. A literatura para crianças, embora possua potencial revolucionário, é, em termos de família, cronicamente convencional.

Voltando à pergunta de por que observar a figura do pai nas obras analisadas nesta pesquisa, isso se deve às mudanças significativas no papel desse membro da família. De acordo com o Centro de Pesquisa *Father Involvement Research Alliance* (FIRA), da Universidade de Guelph, Ontario, por exemplo, codirigido por Kerry Daly (2011), os homens vêm cada vez mais assumindo seus papéis de cuidadores e protetores. A mudança mais significativa nas últimas décadas é que esses pais têm manifestado o desejo de estarem mais envolvidos.

Outra justificativa para o foco na figura do pai é efeito de uma contribuição advinda de uma perspectiva psicanalítica, segundo a qual a constituição do sujeito se dá pela e na linguagem, e o papel do pai é fundamental nessa operação, não necessariamente o pai biológico propriamente dito, mas o pai do campo do simbólico, como aquele que representa a lei, isto é, o papel do pai como uma função, a função paterna. Tal função pode ser desempenhada por outras pessoas, tais como um avô ou um tio, por exemplo, ou mesmo pelo discurso da mãe, que validaria essa função. A função paterna faz surgir a marca da Lei – a Lei do Pai – no psiquismo da criança, interditando o desejo, ao interferir na relação imaginária dual e exclusiva entre a mãe e a criança, possibilitando que haja entre elas uma separação simbólica e que, desse modo, possa surgir o sujeito do desejo, sujeito que, por sua vez, é então introduzido no mundo da cultura, na ordem simbólica, aprendendo a viver em sociedade, com as regras da cultura e da moral civilizada. Interditar o desejo significa ensinar à criança o que pode e o que não pode ser feito, ensiná-la que ela não pode fazer tudo o que quer, que a frustração e o sofrimento fazem parte da vida e que há meios realizáveis de desejar. Essa função concerne a formas de ser e de agir que entram em operação quando são oferecidos a uma criança “[...] valores individuais, caráter, moral e princípios, com amor e rigor, abrindo os caminhos para que ela possa desejar e realizar seus desejos ao longo da vida.”² (BRUDER, 2011, p.11).

2. Cabe dizer que constitui interesse posterior de pesquisa investigar e discutir o(s) modo(s) como se pode entender a função paterna na contemporaneidade, na qual comparecem tão diversas formações familiares, considerando-se especialmente aquelas compostas de casais homoafetivos e, conseqüentemente, como esse entendimento pode ser observado em textos da literatura infantil.

A seleção dos livros para análise seguiu o seguinte critério: deveriam ser livros altamente recomendados e/ou premiados e publicados entre 2008 e 2010. A publicação *Best Books for Kids & Teens 2011, 2010, 2009*, do CCBC, constituiu a fonte de pesquisa de onde selecionei os livros canadenses. Dentre aproximadamente 60 livros lidos, escolhi 8. Os livros brasileiros foram selecionados a partir da lista dos altamente recomendados da *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)*. Obtive acesso à lista dos publicados em 2010. Dentre aproximadamente 40 livros lidos, selecionei 5. Escolhi, evidentemente, obras em que houvesse (diferentes) representações familiares, mas também aquelas que me chamaram a atenção pela temática abordada, seja a questão da diversidade, da diferença, da autoaceitação, da tolerância etc.

Sigamos com as análises. No livro *Willow's Whispers*³ (BUTTON, 2010), Willow não consegue soltar sua voz, fala sempre sussurrando, não consegue ser ouvida e sofre as consequências disso. Seu pai tem papel fundamental na história. Diferentemente das pessoas com quem Willow convivia, sabia ouvi-la:

But Dad was an expert at hearing Willow's whispers.

He never said "What?" or "Pardon" or "Who?" He just wrapped Willow tight in a big bear hug and whispered right back, "Your big, strong voice got stuck way inside you, Willow. That happens sometimes. But one day your voice will wiggle its way out." (BUTTON, 2010, p.17).⁴

Na primeira frase "But Dad was an expert at hearing Willow's whispers" (BUTTON, 2010, p.17), o pai figura como aquele único capaz de entender a filha, de escutar seus sussurros, dando sentido a eles. Ocupa a posição de quem detém um saber, de quem encoraja a filha a descobrir seu próprio valor, a ser "ela mesma". Tal posição sustenta-se também no modo como o pai prevê o futuro sobre a voz de Willow, no trecho final dessa citação: "[...] one day your voice will wiggle its way out" (BUTTON, 2010, p.17). Essa posição de saber não vem desacompanhada do que certamente mais alimenta esse saber, que não são apenas as palavras que ele diz,

3. *Os sussurros de Willow*. (tradução nossa).

4. "Mas o papai era especialista em ouvir os sussurros de Willow. Ele nunca dizia "O quê?" ou "Desculpe" ou "Quem?". Ele apenas envolvia Willow em um forte abraço apertado de urso e sussurrava: "Sua voz grande e poderosa ficou presa dentro de você, Willow. Isso acontece às vezes. Mas um dia a sua voz vai dar um jeito de sair." (tradução nossa).

mas o modo como essas palavras são carregadas de afeto, manifestado pelo corpo que abraça apertado.

As palavras e o afeto do pai produzem efeitos determinantes na transformação de Willow e começa já na noite em que, após ouvi-lo, Willow demora para conseguir dormir, pensando em como poderia falar mais alto e fazer-se ouvir melhor. Note-se a importância do trabalho do sonho ou do desejo inconsciente na transformação de Willow que, na manhã seguinte, acorda determinada a construir e usar um microfone mágico. Sua transformação acontece após a queda, literal, desse microfone, utilizado como suporte imaginário que auxilia a personagem na transição de sua mudança. Após essa queda, a força adquirida pela personagem faz com que sua voz, poderosa, saia para fora, exatamente como seu pai previu: “Something was stirring way inside Willow. It twisted. It turned. It wiggled its way out!”⁵ (BUTTON, 2010, p.32). Conclui-se, então, que é definitiva a importância da fala do pai na constituição dessa criança.

Na história nada é dito sobre a figura de uma mãe ou de uma companheira ou companheiro do pai de Willow. Isso constitui uma diferença curiosa, pois fica aberto ao leitor imaginar como se constitui a família de Willow. Aparentemente, seriam apenas o pai e ela, uma vez que não há indícios da existência de outras figuras na família, o que é reforçado pela forte e próxima ligação entre os dois, pelo entendimento e pelo afeto que se estabelece entre eles. Tem-se então a confirmação de uma estrutura familiar menos comum.

Em *Violet* (STEHLIK, 2009), é a mãe quem acorda a filha para ir à escola naquele primeiro dia de aula, é quem aparentemente prepara o café da manhã e deixa organizado o almoço a ser levado para a escola. É ela também quem dá conselhos sobre o fato de que a filha não precisa oferecer seu almoço em troca de amizade e também é quem a incentiva dizendo que sabe que ela vai ter um ótimo dia. O pai é responsável por buscar a filha na escola.

Não há maiores detalhes sobre o pai no livro, a não ser no momento quando ele é visto por uma colega de classe de Violet, e sua figura causa surpresa por não ter a mesma cor de pele que Violet. No caminho para casa, ela se pergunta por que não é vermelha, como a mãe, ou azul, como o pai. Afinal, todos seus amigos vermelhos tinham pais vermelhos, os amigos amarelos tinham os pais amarelos e os amigos

5. “Algo estava se movimentando dentro de Willow. Torceu-se. Revirou-se. E encontrou um jeito de sair!” (tradução nossa).

azuis tinham pais azuis. Por que ela era de cor violeta? Em casa, a mãe lhe explica que Violet é um pouco de cada um dos pais e acrescenta que muitas crianças são também de cores mistas e que a filha não deveria se preocupar em ser como os outros, mas em ser ela mesma, pois as pessoas deveriam gostar dela pelo que ela é e não por causa da sua cor.

Note-se que a constituição da família de Violet é tradicional, mas ao mesmo tempo difere de boa parte das famílias porque se trata de uma constituição inter-racial, o que, em se tratando de literatura produzida no Canadá, que é um país multicultural, poderia ser considerado algo relativamente comum. Porém, pela reação da colega que se surpreende com o fato de Violet ter pais de cores diferentes, é curioso que a mistura de raças ainda seja uma questão aparentemente controversa.

Diferentemente do livro *Willow's Whispers*, em que o pai tem uma estreita relação com a filha, em *Violet*, essa aproximação maior ocorre entre mãe e filha. A fala da mãe tem papel fundamental na constituição subjetiva de Violet, que sai fortalecida após o esclarecimento da mãe, obviamente carregado de afeto. É de se observar, ao mesmo tempo, que os papéis entre mãe e pai são divididos no que diz respeito a buscar a filha na escola, por exemplo, o que parece mostrar algo que tem acontecido com as famílias atuais em que papéis aparentemente fixos para um e para outro não se sustentam tanto quanto em gerações anteriores.

Em *Silas' Seven Grandparents*⁶ (HORROCKS, 2010), as figuras do pai e da mãe quase não desempenham papel predominante na história. “Quase” porque, não fosse a decisão da partida deles para uma viagem a negócios, o enredo da história não poderia se desenvolver. Por causa dessa decisão, todos os sete avós de Silas resolvem convidá-lo para ficar com eles, e daí se estabelece o conflito: com quem ficar. Não se pode deixar de notar, no entanto, o significativo papel do pai de Silas, que se coloca a ler uma história para o filho toda noite. Comportamento que é reflexo da contemporaneidade: um pai mais presente, mais próximo e mais afetuoso.

De qualquer modo, o que se revela de maneira evidente é o amor que dá sustentação a toda a família de Silas, incluindo nessa família todos os sete avós, que participam ativamente da vida do garoto. É importante mencionar que este livro mostra também a formação de casais inter-raciais (por meio da ilustração), bem como a origem multicultural dos avós de Silas, sejam descendentes de germânicos (Oma and Opa), ou das primeiras nações do Canadá.

6. *Os sete avós de Silas* (tradução nossa).

No livro *Ten Big Toes and a Prince's Nose*⁷ (GOW, 2010), os pais desempenham papéis fundamentais. Um príncipe sofre por ter um nariz enorme e uma princesa por ter pés muito grandes. Tal como em *Willow's Whispers* e *Violet*, as falas dos pais revelam-se determinantes na constituição das subjetividades dos filhos, que são marcados por versos ditos por eles que os fortalecem na aceitação de suas singularidades. Como acontece em boa parte das relações familiares mais tradicionais, e não só na literatura, uma aproximação maior entre mãe e filha, e entre pai e filho, reflete-se em quem diz a quem os versos que rimam. No caso da princesa, sua mãe, e no caso do príncipe, seu pai. Ambos dizem os seguintes versos toda noite:

I am what I am and that's all right with me.
 I don't have to be different, I just have to be.
 I don't want to be somebody else. No sir-ee!
 I am what I am and that's all right with me. (GOW, 2010, p.11; p.17).⁸

Note-se que são versos que já eram cantados pela mãe da mãe da princesa, o que é reflexo da importância das gerações anteriores e do respeito a elas. Isso é característico de contos de fadas tradicionais, de que *Ten Big Toes and a Prince's Nose* tem forte influência, mas também se pode pensar na importante presença das gerações mais velhas nas constituições familiares atuais e que se revelam nas histórias analisadas nesta pesquisa. É preciso também observar, mais uma vez, a presença marcante do afeto entre pais e filhos, pois toda vez que os versos eram cantados, eram seguidos de um beijo de boa noite.

No livro *Nana's Getting Married*⁹ (HART-SUSSMAN, 2010), a criança da história tem que lidar com o fato de que sua avó não tem mais atenção só para ele, depois que conheceu Bob, seu namorado. O livro é um relato bem humorado desse conflito da criança e também um retrato dessa nova geração de senhores e de senhoras que fazem parte das constituições familiares atuais, que convivem com os netos de maneira muito próxima, mas que vivem suas próprias vidas com o máximo de plenitude possível.

7. Dez dedões e um nariz de príncipe (tradução nossa).

8. "Sou o que sou e tudo bem assim./Não preciso ser diferente, só preciso ser./Não quero ser outra pessoa, de jeito nenhum!/Sou o que sou e tudo bem pra mim." (tradução nossa).

9. *Vovó vai se casar* (tradução nossa).

A estrutura familiar que se vê no livro é de bases tradicionais. A avó é respeitada, admirada e apoiada. Ambos os pais desempenham a função paterna no que diz respeito ao que pode ou não ser tolerado, isto é, há limites de comportamento a serem cumpridos. Eventualmente, por exemplo, a criança tem que ir para o seu quarto, como ela própria relata.

Os pais levam uma vida em que compartilham amor e um frescor típico de um casal apaixonado, o que se reflete no modo como eles veem a relação da avó com seu namorado. O amor que habita a casa é tão grande que supera pequenas imperfeições alheias. O final do livro reforça a importância de uma estrutura familiar de bases sólidas, que acolhe um novo membro: Bob.

O livro *Shin-Chi's Canoe*¹⁰ (CAMPBELL, 2008) é particularmente importante porque relata, do ponto de vista de dois irmãos, Shi-shi-etko e Shin-chi, como foi a devastadora experiência do sistema das *Indian residential schools*, experiência sofrida pelas primeiras nações do Canadá e dos Estados Unidos, que eram forçadas a se adaptarem ao meio de vida europeu. As crianças tinham que cortar todos os laços que mantinham com suas famílias, culturas e tradições. Conforme a irmã de Shi-chi adverte assim que eles chegam ao internato, eles não poderiam mais conversar um com o outro, utilizar a língua de seu povo, e teriam que usar seus nomes ingleses, nunca os seus nomes originais.

A família desse livro possui uma estrutura tradicional. Logo na primeira página são apresentados a avó, a mãe, o pai, os dois irmãos e o bebê Shultetko. O avô comparece apenas na memória de Shin-chi. Dentre outras funções, a figura do pai na família ocupa a posição de quem brinca com os filhos, levando-os para remar, e de quem tem habilidade para construir objetos. Antes de partir, Shin-chi pede ao pai que este lhe construa uma canoa, uma vez que, nas suas palavras, ele está ficando velho demais (tem apenas seis anos) e quer aprender a remar sozinho. Quando Shin-chi volta para casa no verão, seu pai está terminando de construir a canoa que lhe foi pedida. Observa-se então o pai cumprindo sua função de vislumbrar e possibilitar a independência de seu filho, seu crescimento como sujeito.

As crianças dessas famílias das primeiras nações canadenses tinham que viver muito tempo sem as figuras materna e paterna e mesmo sem a companhia dos irmãos. Isso certamente produziu efeitos extremamente dolorosos e singulares, efeitos subjetivos sobre os quais dificilmente se pode ter acesso pela linguagem,

10. *A canoa de Shin-Chi* (tradução nossa).

efeitos subjetivos que constituem o campo do indizível, do impossível, do real de que fala Lacan (1974-1975). Efeitos que, justamente por ocuparem esse registro da dor, do impossível de dizer, fizeram e fazem com que até hoje seja produzida uma vasta literatura sobre essas vozes que tiveram que se calar, sobre esse sofrimento da ausência da família. Para aquelas crianças, os únicos consolos possíveis, se é que se pode nomear assim, eram, ao menos para alguns, saber que um irmão estava fisicamente próximo, ainda que sem a possibilidade da fala ou de um toque. Ou, outro consolo possível, seria manter na memória o afeto que compartilhavam com as figuras da família quando podiam estar em casa no verão.

Na memória também podiam ser mantidas as imagens da localidade em que as crianças viviam sua forte ligação com a terra e onde exerciam sua liberdade. É interessante que vai ser um elemento da natureza, um rio, que terá importância fundamental na ligação possível de Shi-chin com sua família, pois é à beira do rio que Shin-chi volta sempre, cantando a canção que seu avô cantava, esperando que o salmão apareça no rio e ele possa voltar para casa, tal como lhe diziam.

Outra maneira de manter na memória o afeto familiar era por meio de algum objeto, presente de algum membro da família. Na forma de uma canoa em miniatura, presente do pai, este objeto, que representa o próprio pai, é mantido bem guardado, protegido, escondido por Shin-chi, como se mantido no coração: “He held his tiny canoe safely in his hands. The sweet scent of cedar smelled just like his dad.”¹¹ (CAMPBELL, 2008, p.25).

No entanto, a falta do pai é tanta que, em dado momento da história, Shin-chi decide enviar “o seu coração”, isto é, aquilo que representa o elemento de ligação dele com o pai, ou seja, a pequena canoa, de volta para casa, via correnteza do rio. Ou seja, se a sua canoa vai para casa ao encontro do pai, seu coração também vai, ou seja, ele também vai para casa. É seu modo de lidar simbolicamente com o real da dor da falta, falta que não é só simbólica, mas real, do campo do impossível de dizer.

A irmã de Shin-chi, sendo mais velha, ocupa de certa forma uma posição materna, de quem cuida, de quem dá orientação. Ao mesmo tempo, ao se fazer porta-voz das palavras do pai, ela de certa forma também ocupa a posição deste, orientando, transmitindo segurança: “Dad said the spring salmon come up the river first,

11. “Ele segurava com cuidado a pequena canoa em suas mãos. O cheiro doce do cedro era igual ao cheiro do seu pai.” (tradução nossa).

then the sockeye come in the summertime. That's when we can go home again."¹² (CAMPBELL, 2008, p.25).

*Grandma's Gloves*¹³ (CASTELLUCCI, 2010) é outra história em que uma avó é personagem central. A neta, que convive diariamente com a avó e sua paixão por flores e outras plantas, identifica-se com essa posição e descobre o que vai marcar sua vida para sempre. Com a morte da avó, a criança pede à mãe que elas criem um jardim em sua própria casa: "I will teach Mama everything I know."¹⁴ (CASTELLUCCI, 2010, p.26).

No que diz respeito ao núcleo familiar dessa criança, depreende-se uma família estruturada sem irmãos, com mãe e pai carinhosos, sendo a mãe quem mais dialoga com a filha e o pai uma figura que dá suporte, sem precisar de muitas palavras, porque o corpo diz tudo: "I see Dad put his arm around her and squeeze her shoulders just like he does when I am sad."¹⁵ (CASTELLUCCI, 2010, p.14).

No livro *Spork*¹⁶ (MACLEAR, 2010), uma família "de humanos" é apenas revelada no final da narrativa com o aparecimento de um bebê, porque o foco do livro está centrado na história de Spork, um pequeno objeto personificado que tem sua própria família: perfeita, nuclear e mestiça, tal como em *Violet*. É essa peculiaridade que faz com que Spork se sinta diferente, deslocado na cozinha porque, não sendo nem uma colher (*spoon*), nem um garfo (*fork*), como cada um de seus pais, ele é Spork, "a bit of both"¹⁷ (MACLEAR, 2010, p.5).

As outras famílias da cozinha possuem, em geral, uma estrutura tradicional, pois "mixing was uncommon"¹⁸ (MACLEAR, 2010, p.9). Embora tradicionais, estão sujeitas às surpresas "da natureza": "Naturally, there were the rule breakers: knives who loved chopsticks, tongs who married forks. But such families were unusual."¹⁹ (MACLEAR, 2010, p.9). Note-se, em mais esta obra canadense, que a mistura de raças não é tão comum como se pode imaginar.

12. "O papai disse que o salmão primavera sobe o rio primeiro, depois vem o salmão vermelho no verão. É quando podemos voltar para casa novamente." (tradução nossa).

13. *As luvas de vovó* (tradução nossa).

14. "Vou ensinar pra mamãe tudo o que eu sei." (tradução nossa).

15. "Vejo o papai abraçando-a e apertando os seus ombros, exatamente como faz quando eu estou triste." (tradução nossa).

16. *Colhegar* (tradução nossa).

17. "um pouco de cada" (tradução nossa).

18. "misturar não era comum" (tradução nossa).

19. "Naturalmente, havia os que escapavam da regra: facas que amavam palitinhos japoneses, pegadores que se casavam com garfos. Mas essas famílias não eram comuns." (tradução nossa).

O livro brasileiro *Controle Remoto* (FREITAS, 2010) conta a história de uma família bastante comum, composta por um pai, uma mãe e um recém-nascido. A transição desse bebê para um garoto de sete anos é contada por meio de um fio condutor curioso que é o modo como os pais vão “educando” (controlando) o filho, com o “auxílio” quase exclusivo de um controle remoto. Os tios, avós e padrinhos da criança também são citados no começo do livro como aqueles que ajudam o casal a cuidar do bebê recém-nascido, quando ainda “tudo era só festa!” (FREITAS, 2010, p.9), isto é, quando ainda não precisavam utilizar o controle remoto e, assim, “tornar a vida mais fácil” (FREITAS, 2010, p.11). É interessante observar que as figuras de tios e padrinhos não aparecem nos livros canadenses analisados, com exceção de *Grandma’s Gloves*, em que é citada a figura de uma tia que ajuda a empacotar os pertences da avó que acaba de falecer. Talvez seja um traço da cultura brasileira a presença, de certa maneira comum, nas famílias, de tios e mesmo padrinhos. Aliás, uma das importantes escolhas feitas pelos pais, ainda antes de seus bebês nascerem, é justamente a dos padrinhos de seus filhos e é curioso que muitas vezes esses padrinhos são tios das crianças, batizadas numa cerimônia religiosa cristã.

Nesse livro, é significativo notar que, ao longo da narrativa, nenhum membro da família é nomeado. São apenas chamados de “o homem”, “a mulher” e “o menino”. Algo que chama a atenção nas ilustrações, especialmente, é que se trata de uma família de afro-brasileiros, bem-sucedida, de classe média, aparentemente. Valeria a pena verificar se esse tipo de representação familiar é ou não comum em livros brasileiros para crianças, haja vista o grande número de afro-brasileiros na composição da população brasileira.

No que diz respeito ao modo como os pais desempenham posições ao longo da narrativa, ambos compartilham a posição de autoridade, porém, ao menos até antes do final da história, uma autoridade inquestionável, representada por um objeto exterior, isto é, o controle remoto. Em dado momento, o pai figura como aquele que tem maior poder na casa, sendo chamado pela mãe quando esta não consegue ter um comando seu atendido pelo filho, ou seja, quando ela valida a posição do pai na função paterna. Porém, ao exercer esse papel de poder solicitado pela mãe, o pai é descaracterizado como um ser de linguagem, ou seja, como humano, passando a girar “quase latindo” (FREITAS, 2010, p.31).

É apenas no final da história, quando ambos os pais deixam de usar o controle remoto, quando percebem que é preciso escutar o filho, compartilhar momentos importantes, de afeto, ou seja, quando o diálogo, o exercício da fala e da escuta, incluindo-se

a escuta de histórias antes de dormir, enfim, somente quando há o exercício disto que nos define como humanos, isto é, a linguagem, é que o pai pode ser pai, a mãe pode ser mãe e o filho pode ser filho. E só então eles são nomeados como uma família.

O *Menino Grisalho* (CARPINEJAR, 2010) referido no título desse livro possui uma família tradicional, com pai e mãe trabalhadores (pedreiro e cozinheira). Para se diferenciar de outros garotos também chamados de Paulo, na cidadezinha onde mora, o menino é conhecido como “Paulo da Marisa cozinheira” ou “Paulo do Manuel pedreiro” (CARPINEJAR, 2010, p.6), que é uma maneira relativamente comum de se referir a alguém em cidadezinhas do interior brasileiras. Um avô e uma avó são citados por meio de uma lembrança da criança, mas não há menção da presença ou interferência direta deles na família. A nomeação “tio” é utilizada para referir o barbeiro que cuida dos cabelos do garoto, não porque há uma ligação de parentesco entre eles, mas porque a palavra “tio” é muitas vezes utilizada por crianças, no Brasil, para se dirigirem a algum adulto que não pertença à família.

A família de Paulo é nuclear e faz uso do diálogo: “quando alguém queria contar alguma coisa importante, sentava na cadeira de balanço” (CARPINEJAR, 2010, p.12). Cumpre a função de educar, estabelece limites, fazendo uso de um recurso bastante utilizado no Brasil, chamado de “castigo” (em *Controle Remoto* também é utilizado), mas não se sabe se essa função de estabelecer limites é cumprida mais pelo pai, pela mãe ou se por ambos (em *Nana’s Getting Married*, os pais também fazem uso desse recurso mandando o filho para o quarto). Pai e filho têm uma ligação de afeto e próxima, que se observa quando o pai estranha e sente falta do abraço do filho ao chegar em casa após o trabalho, vendo-o na cadeira de balanço. É um pequeno detalhe que revela um tipo de relação mais abertamente afetuosos entre pai e filho, que é um traço da atualidade, tanto no Brasil como no Canadá. Em termos de diferenças entre pai e mãe, o livro traz uma comparação bem-humorada que compõe o imaginário que parece constituir diversas culturas: “Pai sempre pensa que criança apronta antes mesmo de perguntar.”; “A mãe sempre perdoa antes mesmo de perguntar.” (CARPINEJAR, 2010, p.14).

Embora o imaginário que predomina sobre as implicações do envelhecimento seja mostrado pelo ponto de vista de uma criança, com certo exagero e/ou certa ironia, ao ler o livro, não se pode deixar de pensar na questão do envelhecimento e dos problemas vividos pelos mais velhos: “asilo é o lugar onde os velhinhos são deixados pelas famílias.” (CARPINEJAR, 2010, p.23); “Você? Toma vergonha na cara. Você não pode jogar, é muito velho.” (CARPINEJAR, 2010, p.20).

Trudi e Kiki (FURNARI, 2010), as personagens que dão nome a este livro, possuem estruturas familiares tradicionais (embora uma das famílias seja de bruxos) e parecidas, com pai e mãe, aparentemente sem irmãos. Uma tia é citada, mas não se sabe mais sobre ela. A figura da mãe, em ambas as famílias, ocupa a posição de quem é bem próxima da filha, de quem conta histórias, leva às compras, às festas, e é também a pessoa com quem a filha aparentemente mais conversa, mais compartilha. O pai, em ambas as famílias, é citado apenas uma vez, na introdução da história, revelando-se como uma figura afetuosa com quem as filhas adoram brincar de mímica. Como em outros livros já citados, tanto do Brasil como do Canadá, o pai comparece como uma figura bem próxima dos filhos, como aquele que compartilha e mostra seu afeto.

Embora ambientada na África, a ficção *Obax* (NEVES, 2010) não é um reconto. Conta a infância da garota Obax, que vive numa aldeia isolada onde “os homens lavram a terra e as mulheres cuidam dos afazeres domésticos e das crianças” (NEVES, 2010, p.6). Um desses homens pode ser o pai de Obax, porém nada se lê a esse respeito. Sabe-se que ela tem em sua mãe o apoio de que precisa, todos os cuidados, afeto e amor. Obax é solitária, mas se diverte contando histórias. Não se menciona textualmente a existência de irmãos, embora a mãe apareça em uma ilustração carregando um bebê nas costas, que poderia ser um irmão de Obax. Existem “os mais velhos” (NEVES, 2010, p.13), que são assim nomeados e citados três vezes ao longo da narrativa. Presume-se que podem ser os avós de Obax, talvez não somente seus avós, mas também tios, parentes e pessoas de fora da família, uma vez que se trata de uma aldeia e, como tal, aparentemente pequena, o que favorece a convivência e a interferência de várias pessoas numa mesma família. Embora nem sempre acreditem nas histórias contadas por Obax, as pessoas da casa a amam: “Em casa, os mais velhos estavam aflitos com o sumiço de Obax. Mas se fartaram de alegria ao vê-la entrar e contar as novidades.” (NEVES, 2010, p.24).

Em contos populares, como na obra *O Bicho Manjaléu* (BARBIERI, 2010), com personagens reis, rainhas e príncipes, é comum encontrar estruturas familiares típicas, com pai, mãe e filho(os). Não é diferente nesta história recontada do folclore brasileiro que começa quando um idoso é obrigado a vender suas três filhas sob ameaça de morte. Alguns anos depois, ele e a mulher têm um filho que sai em busca das três irmãs, mas não sem antes obter a permissão do pai para fazer a viagem, momento que revela um traço marcante do pai como a figura que ocupa a posição de autoridade que estabelece os limites. Evidencia-se claramente o momento em que aparentemente a função paterna obtém êxito, isto é, quando um pai sabe que não é

mais necessário ao filho: “Filho, chegou a hora! Vou dar-lhe este saco de moedas de ouro e você poderá sair pelo mundo em busca de suas irmãs.” (BARBIERI, 2010, p.15). Outro pai que aparece na história é o pai da rainha de Castela, a personagem com quem o príncipe que tem as três irmãs se casa. Sobre ele, sabe-se que sente muito amor pela filha e que a protege. As três irmãs encontradas estão todas casadas, mas não é mencionada a existência de filhos por parte delas.

Antes de fazer as considerações finais, vale sublinhar que os resultados desta pesquisa limitam-se às obras analisadas, ou seja, trata-se de uma pequena mostra não passível de generalização. A análise dos treze livros, sendo oito canadenses e cinco brasileiros, aponta para as seguintes conclusões: na produção de ambos os países, as representações familiares são, em sua maioria, constituídas de famílias nucleares, compostas por um pai, uma mãe e um ou mais filhos, com exceção de *Willow's Whispers*, em que não parece haver a figura de uma mãe. Em *Obax*, não se sabe se há a figura de um pai ou não. Nas famílias apresentadas na literatura canadense encontram-se uniões inter-raciais e multiculturais (*Violet*, *Silas' Seven Grandparents*, *Spork*), o que, de certa forma, é reflexo do imaginário que define o Canadá como um país multicultural. Na literatura do Brasil pesquisada, não comparece esse tipo de união, embora o país seja também tido como multicultural.

No que diz respeito a outros membros que também compõem as famílias mostradas na literatura em ambos os países, chama a atenção a marcante presença dos avós, particularmente nos livros canadenses. É certo que avós não são personagens raros na literatura para crianças, mas é interessante notar o modo bem-humorado como eles aparecem. Observam-se manifestações do imaginário consolidado que os constitui como indivíduos amados, respeitados, admirados (*Grandma's Gloves*, *Silas' Seven Grandparents*, *Nana's Getting Married*, *Ten Big Toes and a Prince's Nose*, *Obax*), mas também modelos de avós que vão além desse imaginário, avós que produzem, que têm seus hobbies (*Silas' Seven Grandparents*), que namoram e se divertem (*Nana's Getting Married*). Isso reflete um traço da atualidade que é o fato de os mais velhos possuírem cada vez mais uma melhor qualidade de vida. A presença de tios e padrinhos aparece na literatura brasileira e apenas uma vez em *Grandma's Gloves*.

Outra característica das famílias mostradas em todos os livros analisados de ambos os países é a forte relação de amor que existe entre seus membros. É de se notar também a importância das falas dos pais na constituição das subjetividades das crianças, para o crescimento delas (*Violet*, *Willow's Whispers*, *Ten Big Toes and a Prince's Nose*).

A figura do pai, tanto nos livros canadenses como nos brasileiros, aparentemente desempenha a função paterna, ocupando a posição daquele que encoraja, orienta, dá suporte, apoio, segurança e que é capaz de reconhecer quando não será mais necessário (*Shin-chi's Canoe*, *O Bicho Manjaléu*). O pai sabe também estabelecer os limites, posição que às vezes divide com a mãe (*Nana's Getting Married*, *O Menino Grisalho*, *Controle Remoto*). Sobre as figuras de pai que aparecem, chama a atenção o fato de que quase sempre eles ocupam uma posição muito próxima e afetuosa junto aos filhos, o que reflete uma tendência da atualidade.

Antes de iniciar a seleção dos livros para a pesquisa, havia uma expectativa de encontrar estruturas familiares mais diferentes, uma maior diversidade, considerando-se as transformações pelas quais as sociedades têm passado. No entanto, isso não se deu. Poderia ser argumentado que a lista de obras analisadas tenha sido relativamente pequena. Não creio, porém, que esse seja um argumento suficiente, se observarmos que a questão da inclusão da diversidade ou da diferença de qualquer tipo, seja racial, étnica, cultural, sexual, linguística, religiosa, não tem sido algo tão abordado quanto se poderia pressupor. Basta citar, como exemplos, as recentes discussões polêmicas no Canadá sobre o uso ou a proibição dos livros *Asha's Mums*²⁰ (ELWIN; PAULSE, 1990) e *Mom and Mum Are Getting Married!*²¹ (SETTINGTONGTON, 2004) em sala de aula, como relatam Edwards e Saltman (2010, p.156). Vale a pena ler também a análise feita por Lefebvre (2005, p.159) sobre a raridade da inclusão da diversidade na ficção canadense recente para crianças.

REFERÊNCIAS

- ALSTON, A. *The Family in English Children's Literature*. New York: Routledge, p.1-8, 2008. Disponível em: <<http://lib.myilibrary.com/Open.aspx?id=126008&loc=&srch=undefin...>>. Acesso em: 27 jun. 2011.
- BARBIERI, S. *O Bicho Manjaléu*. Ilustração de F. Vilela. São Paulo: Scipione, 2010.
- BRUDER, C. Em nome do pai. *Jornal O Popular*. Goiânia: Organização Jaime Câmara, 14/08, p.11, 2011.
- BUTTON, L. *Willow's Whispers*. Ilustração de T. Howells. Toronto: Kids Can Press, 2010.
- CAMPBELL, N. I. *Shin-chi's Canoe*. Ilustração de K. LaFave. Toronto: Groundwood books/House of Anansi Press, 2008.
- CARPINEJAR, F. *O Menino Grisalho*. Ilustração de G. Zamoner. São Paulo: Mercuryo Novo Tempo, 2010.

20. *As mães de Acha* (tradução nossa).

21. *Mamãe e mamãe vão se casar!* (tradução nossa).

- CASTELLUCCI, C. *Grandma's Gloves*. Ilustração de J. Denos. Somerville: Candlewick Press, 2010.
- DALY, K. More fathers take on bigger rules at home. *Toronto Sun*. Disponível em: <<http://www.torontosun.com/2011/06/03/more-fathers-take-on-bigger-roles-at-home>>. Acesso em: 26 jun. 2011.
- EDWARDS, G.; SALTMAN, J. *Picturing Canada: a History of Canadian Children's Illustrated Books and Publishing*. Toronto: University of Toronto Press, 2010.
- ELWIM, R; PAULSE, M. *Asha's Mums*. Ilustração de D. Lee. Toronto: Women's Press, 1990.
- FREITAS, T. *Controle Remoto*. Ilustração de M. Massarani. Rio de Janeiro: Manati, 2010.
- FURNARI, E. *Trudi e Kiki*. São Paulo: Moderna, 2010.
- GOW, N. *Ten Big Toes and a Prince's Nose*. Ilustração de S. Constanza. New York: Sterling, 2010.
- HARIT-SUSSMAN, H. *Nana's Getting Married*. Ilustração de G. Graham. Toronto: Tundra Books, 2010.
- HORROCKS, A. *Silas' Seven Grandparents*. Ilustração de H. Flook. Victoria: Orca Book Publishers, 2010.
- LACAN, J. *Seminário 22, RSI*. Inédito. (1974-1975). Disponível em: <<http://lacan.orgfree.com/lacan/livros.htm>>.
- LEFEBVRE, B. Shared Characteristics of Boys and Men in Recent Canadian Children's Fiction. *Jeunesse: Young People, Texts, Cultures*. Winnipeg: CRYTC, University of Winnipeg, 31.1, p.145-161, 2005.
- MACLEAR, K. *Spork*. Ilustração de I. Arsenault. Toronto: Kids Can Press, 2010.
- NEVES, A. *Obax*. São Paulo: Brinque-Book, 2010.
- REYNOLDS, K. Changing families in children's fiction. In: GRENBY, M.O.; IMMEL, A. (ed.). *The Cambridge Companion to Children's Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p.193-208.
- SETERINGTON, K. *Mom and Mum are Getting Married!*. Ilustração de A. Priestley. Design: L. McCurdy. Toronto: Second Story Press, 2004.
- STEHLIK, D. *Violet*. Ilustração de V. V. Jovanovic. Toronto: Second Story Press, 2009.

Recebido em 04 de janeiro de 2013 e aprovado em 10 de junho de 2013.